

A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: A NOÇÃO DE SUJEITO EM MIKHAIL BAKHTIN*

*Humberto Ivan Keske***

Resumo: O presente trabalho tem como proposta a revisão de alguns pressupostos da obra bakhtiniana no que concerne às noções de enunciação, sujeito, dialogismo, signo e ideologia. Retrabalha as questões ligadas à produção do sentido e da significação de um determinado enunciado a partir de uma perspectiva interdiscursiva e social, em que o significado realiza-se através de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos. Problematiza o processo comunicacional enquanto construto renovável que se dá em signos e através de signos.

Palavras-chave: Sujeito; enunciação; dialogismo.

Abstract: The present work has as proposal the revision of some Bakhtinian ideas concerning the notions of enunciation, subject, dialogism, sign and ideology. It retakes the questions related to the production of the signification and meaning of an enunciation from an inter-discursive and social perspective, where the meaning is fulfilled through a complex set of factors, of subjects in acts of speech,

* Trabalho apresentado ao GT 11 - Discurso y Comunicación - vn Congreso Latino-Americano de Investigadores da Comunicação - Universidad Nacional de La Plata - Facultad de Periodismo y Comunicación Social - Argentina, ocorrido entre os dias 11 a 16 de outubro de 2004.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - FAMECOS/PUCRS e professor do Centro Universitário FEEVALE.

inter-texts, interdicts, and of not-said. It questions the communicational process while renewable construction that is given in signs and through signs.

Key words: Subject; enunciation; dialoguism.

Introdução: das falas enunciativas

Bakhtin incompleto! Bakhtin completo! Começamos com este jogo de palavras, uma vez que a obra bakhtiniana tem como fio condutor a concepção dialógica da linguagem, que faz interagir antagonismos, diferenças, oposições e interações no interior mesmo da palavra, sempre perpassada pela *palavra do outro*. O Bakhtin incompleto alterna a sistematicidade de um discurso eminentemente científico, com a espontaneidade das práticas culturais e comunicacionais da vida cotidiana. Recusa, de antemão, qualquer orientação teórica que conduza a alguma interpretação unidirecional, linear, fechada, cristalizada e fixada por um saber anterior. Busca o novo; o que é vivo; o que é móvel; o que é imperfeito; o que está continuamente aberto ao eterno devir; o que está incompleto. Por ser incompleto; *completa-se!*

Por outro lado, além de procurar desenvolver estudos específicos em áreas ligadas à Lingüística e à teoria literária, o pensamento bakhtiniano manteve contato com múltiplos aspectos do saber filosófico, fenomenológico, biológico, psicológico, matemático, entre outros, e que acabaram por deixar marcas em diversos de seus estudos, apontando para uma reflexão muito mais ampla acerca da linguagem, que, posteriormente, seria trabalhada por pensadores como Heidegger e Sartre. Sua postura fundamental frente ao grande Tesouro da Humanidade que a linguagem representa é a de articular diversas matrizes de pensamento, levando a cabo uma reflexão dialógica acerca da natureza interdiscursiva, heterogênea, interativa e, sobretudo, social, como condição imperiosa e própria desta linguagem. Este é o Bakhtin, "completo" na "incompletude" dos seus saberes; trata-se de um *pensador inacabado*; buscador incansável do conhecimento; *completo em si mesmo!*

Nesses termos, Bakhtin (1997) segue na contramão dos estudos lingüísticos até então desenvolvidos: não percebe a língua unicamente como objeto, nem tampouco procura discriminá-la em unidades mínimas até o estabelecimento do significado contido na frase. Para ele, o objeto das ciências humanas está centrado no texto, percebido em seu sentido pleno, como um *conjunto coerente*, mas heterogêneo, de signos que vão da musicologia à história das artes plásticas; da sociedade à ideologia. Em última instância, a preocupação de Bakhtin reside no *homem produtor* de textos de uma determinada cultura. Ou seja, o homem representa essa determinada cultura, através dos textos que produz, ao mesmo tempo em que está representado por ela.

Não sendo mais a língua o objeto de análise das Ciências Humanas, mas sim as inter-relações desse homem e do contexto que o circunda *com a língua* da qual se apropria, Bakhtin (1997) desenvolve duas grandes orientações críticas ao pensamento

filosófico-lingüístico então vigente: a primeira, chamada tese do *subjetivismo individualista* e a segunda, a do *objetivismo abstrato*, em cuja vertente encontram-se os seguidores da lingüística saussureana. Vamos nos deter mais demoradamente em comentar alguns dos aspectos dessa segunda orientação.

Em linhas gerais, a orientação do chamado *objetivismo abstrato*, de vertente saussureana, percebe a língua como um sistema de normas fixas e imutáveis; como um "objeto" ideal, centrado unicamente em sua forma individual, completamente externo à consciência individual dos falantes. Bakhtin (1997), ao contrário, vê a língua (sistema) em permanente evolução, sofrendo modificações profundas oriundas do coletivo, deixando de ser percebida como manifestação unicamente individual e imanente, para transformar-se em um evento de natureza social: "a fala está indissociavelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais" (Yaguello, 1997, p. 14). A partir disso, propõe uma *lingüística da fala*, onde a língua, por ser compartilhada por um coletivo de indivíduos, transforma-se em um *bem comum* social, cujas transformações lhe são inerentes, refletindo as variações sociais que, fundamentalmente, são regidas por leis *externas* ao próprio *sistema*.

Como contraponto, coloca que a preocupação do falante reside no uso da língua para a resolução de suas necessidades enunciativas em um determinado contexto concreto (enunciação da fala); e não na sua normatização enquanto sistema fixo e imutável. "O sistema lingüístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação" (Bakhtin; volochínov, 1997, p. 92). O que realmente interessa ao falante, como sujeito da comunicação humana, não é a conformidade à norma da forma utilizada (sinal), que permanece sempre idêntica a si mesma, mas sim, a nova (re)significação, sempre variável e flexível, que essa forma pode adquirir no contexto concreto particular de cada enunciação. Este é o ponto de vista do locutor; é o *sentido próprio* que ele *quer dar* ao signo, impregnado de uma nova qualidade contextual. Por essas razões, Bakhtin (1997) faz a diferenciação entre o processo de *decodificação* (compreensão) do signo em sua *mobilidade* específica, do processo de *identificação* (reconhecimento) do sinal lingüístico. Ou seja, o signo é decodificado e o sinal é identificado. Sendo o sinal uma entidade de conteúdo imutável, transforma-se apenas em um instrumento técnico para designar este ou aquele objeto.

A partir dessas reflexões, entretanto há de se levar em consideração que Bakhtin (1997) não quer *negar* a importância das formas lingüísticas no interior de uma dada enunciação, mas sim, *reconfirmar* que a relação/distinção entre sinal/signo é, sobretudo, de complementaridade/correlação; ou melhor de *interação*, para utilizarmos o seu falar. Os aspectos semânticos, reiteráveis e sempre iguais a si mesmo em qualquer situação em que se dá um determinado enunciado, são parte inseparável, fundamental e *constitutiva* da significação que este enunciado adquire.

Como as formas lingüísticas se apresentam aos locutores no contexto de enunciações precisas, este contexto, para Bakhtin (1997 - 2000), será sempre *ideológico*. Segundo ele,

[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 95).

Diferentemente do posicionamento adotado pelos objetivistas abstratos, a língua é inseparável de seu conteúdo ideológico ou concernente à vida. Sobretudo, Bakhtin (1997) reafirma que a língua está relacionada às motivações da *consciência do locutor*, não podendo receber um *estatuto particular*, no qual se separe a forma lingüística vazia de ideologia (sinal) dos seus fatores ideológicos e vivenciais (signos da linguagem). Tratar a língua enquanto "sistema" é percebê-la unicamente através de um olhar abstrato, muito distante da consciência dos indivíduos que *propriamente* dela se utilizam. Sobretudo, a prática da comunicação social é dinâmica e viva, sendo impossível decompor seus elementos isolando-os artificialmente das unidades reais da cadeia verbal; da espiral infinita de suas enunciações.

Nesses termos, nas visões e revisões lingüísticas sob o olhar bakhtiniano, o próprio estudo da enunciação amplia-se: deixa de estar voltado para uma enunciação monológica isolada, mas passa a ter "um" "outro" "sentido", que se realiza em um *outro* lugar, que não é restrito ao estudo imanente no interior da enunciação: Seus "limites" tornam-se difusos, deslizam, complexificam-se, dialogam. Inclusive, na concepção bakhtiniana, "todas as relações que ultrapassam os limites da enunciação monológica constituem um todo que é ignorado pela reflexão lingüística. Esta, na verdade, não ousa ir até os elementos constitutivos da enunciação monológica. Seu alcance máximo é a fase complexa (o período)" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 104). Tal perspectiva o leva a afirmar que a enunciação *como um todo* não existe para a lingüística.

Ao contrapor a univocidade da palavra, conforme salientada pelo objetivismo abstrato, à pluralidade de suas significações, coloca que

[...] o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 106).

Essa contextualidade, para Bakhtin (1997), não está em um único e mesmo plano, mas sim, em uma alternância de planos contextuais. Uma mesma palavra, por exemplo, tomada em relação ao *sentido* e à *significação* que se quer estabelecer, pode aparecer em dois contextos dialógicos mutuamente conflitantes e excludentes. Desse modo, "os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e conflito tenso e ininterrupto" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 107).

Assim sendo, Bakhtin (1997) faz dialogar os aspectos obviamente sistemáticos da linguagem, como a gramática e os significados relativamente fixos das palavras, necessários para qualquer entendimento entre falantes, com os contextos não sistematizáveis, heterogêneos e articuláveis em que co-ocorrem essa mesma linguagem. Desencaixa o significado de uma palavra; da própria palavra. Entre eles, percebe universos constantemente interpretáveis à mercê das *constelações avaliativas* de seus locutores. Cada enunciação torna-se *maravilhosamente* única; entretanto, jamais poderá ser considerada como individual, no sentido restrito do termo: a enunciação é, sobretudo, de *natureza social*.

Relações dialógicas: do signo, das ideologias, das linguagens e suas (re) significações

O termo *dialogismo* surge no contexto do *Círculo de Bakhtin* por volta de 1928 e 1929, para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes inseridas em um determinado campo histórico e social. Esse inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre "sistema de signos", quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob essa ótica,

Dialogia foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto não por um universo dividido entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas como um universo composto de signos, do mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os enunciados mais complexos, como a obra de um grande pensador como Marx, cujos valores e significados não eram dados e estáticos, mas' extremamente ambíguos e mutáveis (Roncar, 1994, p. X).

A própria noção de signo, como se percebe, transforma-se na arena do permanente cruzamento entre estes dois planos: o da *infra-estrutura*, que através da economia dá suporte a toda a sociedade; e o plano da *superestrutura*, entendida como as normas sociais, políticas, culturais, etc. que formam a estrutura ideológica da sociedade. Como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma modificação na língua. Nesses termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

Preocupado em evitar mal-entendidos, o autor procura esclarecer qual o sentido que a palavra *ideologia* adquire nos textos produzidos pelo *Círculo de Bakhtin*.

A palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do espírito humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento

idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). *Ideologia* é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista) (Faraco, 2003, p. 46).

Como se percebe, o termo *ideologia* não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no *entorno teórico marxista*, mas sim, como *área de expansão* da criatividade intelectual/cultural humana. Os produtos e artefatos elaborados por tais áreas do conhecimento humano, e, principalmente, pela *imprevisibilidade* que a criação artística acarreta, não podem ser estudados desconectando-os da *realidade concreta* que os abriga. Esse é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao termo.

Assim sendo, os signos são *intrinsecamente* ideológicos, isto é, criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todo e qualquer signo e todo e qualquer enunciado, nessa concepção, estão localizados na essência profunda de uma determinada *dimensão ideológica* (arte, política, Direito, etc.), e sempre comportam uma determinada posição avaliativa: "não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica" (Faraco, 2003, p. 47). O estudo das *ideologias*, na nomenclatura bakhtiniana, expande-se para a busca da compreensão da *noção de valor*, intrínseca no próprio ser humano. A noção de dialogismo se refere, então, à *dinâmica* do processo semiótico de *interação das vozes sociais*, que se interpenetram, colidem, encontram-se, desencontram-se, dispersam-se e agrupam-se em torno do *todo social* no qual subsistem e a partir do qual compõem novas mutiplicidades dialógicas.

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (Faraco, 2003, p. 48).

À semelhança da noção de ideologia, a própria metáfora do permanente *diálogo*, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria *noção de diálogo*. Conforme Faraco (2003), os membros do Círculo de Bakhtin não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face.

As relações entre réplicas de tais diálogos são um tipo mais simples e mais extremamente visíveis de relações dialógicas. As relações dialógicas, no entanto, não coincidem, de modo algum, é claro, com relações entre réplicas do diálogo concreto

- elas são muito mais amplas, mais variadas e mais complexas (Bakhtin apud Faraco, 2003, p. 59).

Nesses termos, o dialogismo bakhtiniano não deve ser *tomado e medido* como mais um *conceito qualquer* entre outros tantos conceitos com os quais estamos acostumados a trabalhar teoricamente. Não se trata aqui de algum *instrumento* a que o próprio Bakhtin recorre para abordar determinados aspectos do real. A noção de dialogismo deve ser entendida como uma espécie de *sistema filosófico*, suficientemente capaz de abranger, com um olhar compreensivo/responsivo, o *Ser do Homem* e as suas formas inusitadas e imprevisíveis do *fazer cultural*. Não haveria outro modo de Bakhtin explicitar essa interação infinita e permanente senão com a metáfora do eterno *diálogo* que permeia todo o universo semiótico que nos assiste e do qual somos parte constitutiva.

Qualquer processo ideológico (criativo em Bakhtin) estará sempre envolvido com uma determinada posição axiológica, que estará sempre em *correlação* com outros pontos de vista criativos. O universo da criação ideológica é o universo das significações (Peirce). Torna-se incompreensível, nessas circunstâncias, o caráter mono lógico das enunciações, uma vez que todo o universo conspira contrariamente. Por essas razões, *gerou-se*, como que de si mesma, a metáfora do *permanente diálogo*, em que todas essas vozes sociais se entrecruzam de maneira multiforme, ao mesmo tempo em que também vão se formando novas vozes sociais. Eterno movimento; encontros e desencontros de significações a refazer-se.

Pelo signo, o mundo inteiro transforma-se em matéria significativa, formada pela inserção das mais diferentes matrizes axiológicas de seus interpretadores. O signo dialoga com uma realidade que lhe é interna (lingüística), ao mesmo tempo em que se extravasa para uma situação externa (contextual). Ainda que se valha dos signos em seus aspectos internos, em termos de sinais lingüísticos, o olhar do poeta sobre o mundo, por exemplo, jamais será repetitivo e idêntico a si mesmo. O sinal se realiza no signo. *Um signo* pode ser *um outro!*

O signo, conforme compreendido por Bakhtin (1997), não somente *descreve* o mundo, mas dele *participa!* É através desse mesmo mundo que adquire seu movimento, sua dinâmica, recebendo contribuições da História e dos grupamentos humanos em suas vivências, em suas multiplicidades, em suas heterogeneidades constitutivas. A experiência individual passa a ser a experiência coletiva. Mais uma vez, Bakhtin (1997) fragmenta o "sistema" língua em detrimento da *língua viva*, pois sempre haverá algo da subjetividade inserido no signo e na própria linguagem. Trata-se da contemplação de um sujeito *coletivo*.

Nessa perspectiva, todo o enunciado já traz em si uma resposta que não quer calar-se em uma compreensão passiva; em uma mera decodificação de uma mensagem. A compreensão será sempre um processo ativo, que lida com o continuamente renovável *construto enunciativo*. E, responder é, antes de tudo, a *possibilidade de responder* a um signo por meio de outros signos. Assim, o problema da significação é um dos mais difíceis da lingüística, conforme colocado por Bakhtin (1997) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, no capítulo dedicado ao Tema e *significação na língua*, em que a resposta, dada *em* signos e *por* signos, somente adquire *sentido* a partir do contexto em que os signos estão sendo utilizados.

Da instauração do sentido e da significação

Ao procurar refletir sobre a (re)constituição/(re)instauração de um *outro* conceito de língua, ampliado e diferenciado do que vinha sendo estudado pela lingüística, Bakhtin (1997) esboça os fundamentos de uma teoria do conhecimento, aglutinando no interior da língua os problemas e as questões relacionadas aos sujeitos e às suas realidades concretas circundantes. A partir dessa perspectiva, a enunciação bakhtiniana assume contornos essencialmente sociais, e passa a interagir com os demais fatores que habitam o universo (res) criado e (res) significado pela linguagem do homem.

Nesses termos enunciativos, Bakhtin (1997) interessa-se em desvendar de que maneira se produz o sentido e a significação de um dado enunciado; ou seja, de que forma a palavra pode ser significada em sua *plenitude*. Para tanto, faz a diferenciação entre a noção de tema e *significação*, partindo da questão inicial de que

[...] um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu tema. O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é, na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 128).

Como se percebe, essa *unidade* da enunciação proposta pelo autor é sempre uma combinação de elementos verbais com aspectos não-verbalizados, pressupostos pelo emissor e pelo destinatário de um processo comunicacional. Tal pressuposição ocorre, principalmente, através dos *não-ditos* comunicacionais: enquanto *diálogo*, muitas "falas internas" desenvolvem-se com um mínimo de verbalização. Esta noção de *tema* da enunciação em Bakhtin (1997) "é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 128).

Enquanto significado global que confere unidade à enunciação, a noção de *tema* é caracterizada pela *transitoriedade*, uma vez que é apropriada unicamente ao *momento* da proferição e a nenhum outro. É único e irreprodutível. Em outras palavras, "o tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua plenitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 128). Por outro lado, no interior silencioso do *tema*, a enunciação também é dotada de uma *significação*, que se refere aos elementos da enunciação que são *reiteráveis* e *idênticos* cada vez que são repetidos. O exemplo trazido pelo autor é o da elocução [Que horas são?] que possui uma acepção diferente cada vez que é proferida, produzindo, conseqüentemente, um tema diferente, que depende da situação particular em que é expressa e da qual faz parte.

Como se percebe, a relação entre tema e significação na língua é de complementaridade e de mútua interação: a noção de tema apóia-se sobre uma certa *estabilidade da significação*, sem a qual as palavras perderiam o seu sentido, em uma espécie de livre-escolha significativa. Sendo *parte*, a significação *está para o todo*; ou melhor, *realiza-se nesse todo*, do qual faz parte. Bakhtin (1997) reitera que se abstrairmos por completo essa relação com o todo, que é a própria enunciação em sua plenitude, perderíamos a significação. É por essas razões que considera não haver uma fronteira clara entre tema e significação.

Fundamentalmente, o que está sob a distinção entre *tema* e *significação* para Bakhtin (1997) relaciona-se à questão da compreensão *ativa* e *passiva* da enunciação. Ao seu ver, a compreensão passiva, típica dos filólogos, exclui qualquer *atitude responsiva*, justamente por isolar a palavra e tratá-la como sempre idêntica a si mesma (forma dicionarizada). Nesse sentido, argumenta que "qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo; deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de outro processo evolutivo" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 131).

Novamente, está aí colocada a metáfora do diálogo, em que cada termo do processo enunciativo, em cada particularíssimo instante de cada enunciação, já requer, por si só, uma *localização contextual ativa e responsiva*. Compreender é dialogar! É dessa *plenitude significativa* que Bakhtin (1997) nos fala: "não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 132).

Irrequieto, Bakhtin (1997) repensa as questões ligadas à produção do sentido e da significação de um determinado enunciado a partir da perspectiva interdiscursiva e social, em que o significado realiza-se *através* de um conjunto complexo de fatores, de sujeitos em atos de fala, de intertextos, de interditos, de não-ditos. Ou seja, "procura explorar a idéia e centrar a discussão de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta, no momento e no lugar da atualização do enunciado" (Brait, 2001, p. 77). Assim, enfatiza a necessidade de observação da instância articuladora e relacional que se dá entre a história, o tempo particular e o lugar de geração do enunciado, com a seqüência de envolvimento intersubjetivos que de algum modo se ligam e tocam àquele enunciado.

Nesses termos, Bakhtin (1997) defende a idéia de que esse *redimensionamento da significação*, com a reinstauração inusitada de sentidos, ocorre, fundamentalmente, a partir da inter-relação entre a *significação* já presente em cada palavra (significado semântico - valor inferior, sempre estável e idêntico a si mesmo), e a *apreciação* ou *valor apreciativo* realizado pelo sujeito (fala viva) em processo de interação com outros sujeitos e com a situação social circundante (*contexto enunciativo* de seu proferimento). O nível mais evidente e ao mesmo tempo mais superficial desse acento de valor contido em cada palavra se manifesta através da *entonação expressiva*, conferida pelos sujeitos às palavras. "Sem acento, não há palavra" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 132).

De real importância em um processo comunicacional, diferentes "falas" podem se constituir a partir de uma mesma e única palavra, que pode apresentar significados completamente diferentes graças à *entonação expressiva* que é dada no momento de sua proferição. Como se percebe, a palavra em si, no dizer de Bakhtin (1997), constitui apenas um *suporte* da significação, uma vez que "o tema, que é uma propriedade de cada enunciação, realiza-se completa e exclusivamente através da entonação expressiva, sem ajuda da significação das palavras ou da articulação gramatical" (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 134).

Por essas razões, Bakhtin (1997) credita à apreciação o *papel criativo* nas mudanças de significação em que, fundamentalmente, essa transformação sofrida pela significação é uma *reavaliação*: ou seja, o deslocamento de uma determinada palavra de um contexto apreciativo para outro. Essa *competência avaliativa* dos partícipes do processo de comunicação e de suas interações com o *contexto* em que se dá o enunciado, relacionado ao poder *emocional-volitivo* que coloca o objeto/palavra/enunciado em movimento, através de determinado julgamento realizado pelo falante, passam a ter papel fundamental no processo de significação. O som adquire valor passa a ser significante e constituinte da própria noção de significação. Nesse constante processo reavaliativo, nada permanece estável:

[...] é por isso que a significação, elemento abstrato e igual a si mesmo, é absorvida pelo tema; é dilacerada por suas contradições vivas, para retornar, enfim, sob a forma de uma nova significação, com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. A significação é sempre provisória (Bakhtin; Volochínov, 1997, p. 136).

Em outras palavras, a enunciação bakhtiniana engloba, ao mesmo tempo em que *assume para si*, esta constante *mediação*, esta intersecção das enunciações dos sujeitos falantes e ao contato, "nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade" (Brait, 2001, p. 79). Transbordando de seu local gramatical "original", digamos assim, na forma fixa (dicionarizada) através da qual inicialmente expressava um determinado significado, um enunciado qualquer termina por realizar sua *plenitude significativa* na interação social que é dada pelo contexto (particularmente particularizado) a ser atualizado e pelo *tom* ou *acento de valor* dado a cada expressão em uma situação específica.

Das complexidades dos sujeitos sociais

A noção de sujeito em Bakhtin está envolvida com a própria natureza constitutivamente dialógica da linguagem, remetendo à permanente interação entre o *eu* e o *outro* discursivos. O sujeito bakhtiniano é deslocado de seu centro e passa a habitar uma determinada "periferia" coletiva, onde *dialoga* com as diferentes vozes sociais de seus pares. Trata-se, na verdade, de um sujeito concreto e real que, contextualizado em seu espaço-tempo social-histórico e ideológico, localiza-se no mundo. Como se percebe, a noção fundamental que emerge da

subjetividade bakhtiniana é o *espaço interacional* entre o eu e o tu; ou entre o eu e o outro no interior do texto, que vai requerer uma *atitude responsiva ativa* entre os parceiros da comunicação verbal.

Nesses termos, o discurso bakhtiniano vai orientar-se para uma *terceira pessoa*; para um outro, que, inserido em um contexto particular, vem reforçar a *influência das forças sociais* organizadas sobre o próprio *modo de apreensão* do discurso. Trata-se de um processo compreensivo responsivo ativo circular que remete, fundamentalmente, à *dinâmica da inter-relação* dos indivíduos envolvidos com alguma corrente de comunicação verbal. Esse "eu" bakhtiniano é então constituído pelas *palavras do outro*; é visto através dos *olhos do outro*; realiza-se no outro; no *interior mesmo* desse outro. Trata-se do permanente diálogo entre um "eu" que, por sua vez, não é *solitário* mas *solidário* com todos os "outros" que com ele interage; e com todos os demais que ainda estão por vir...

Assim sendo, este *outro* bakhtiniano, que é compreendido e significado em uma determinada situação concreta e que, longe de ser individual, dialoga com uma pluralidade de outros sujeitos e fatores/valores, remete a um "nós", que é a própria esfera constituinte desse social-coletivo-ideológico, localizada em uma determinada comunidade ou grupo, no qual ocorre todo esse processo. Com isso, o que se quer ressaltar aqui é o comum; o comunitário; o comunicacional. O "eu" bakhtiniano se realiza no *outro*. Esse outro que, por sua vez, dialoga com o "nós" (o coletivo, uma vez que a linguagem não é falada no vazio, para lembrarmos Beth Brait - 2001). Por essas razões, Bakhtin insiste no *papel do outro* na instauração do sentido de um determinado enunciado, para o qual sempre haverá a perspectiva de uma *outra voz* que dialoga com a nossa, ao dialogar com o mundo. O sujeito bakhtiniano é *relacional* e aparece justamente *na/da mediação* entre o *eu-outro* dialógicos.

Transposições à parte, *nossa palavra já não mais nos pertence*, pois já traz em si as marcas deixadas do contato com esse outro. Entre o enunciadador, o enunciatário e o contexto circundante interagem sistemas de valores continuamente renováveis, que participam da construção dialógica do sentido. Inclusive, quando Rimbaud afirma [*je est un autre*], parece que soube expressar e exaltar a perspectiva bakhtiniana da enunciação.

Assim sendo, e retomando a discussão inicialmente proposta acerca da noção de sujeito, a abordagem bakhtiniana do enunciado, compreendido como a unidade da comunicação verbal, caracteriza-se pela *alternância dos sujeitos falantes* que se realiza, justamente, no *diálogo real*, onde "cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*" (Bakhtin, 2000, p. 294). O locutor torna-se ouvinte; o ouvinte transforma-se locutor. O dialogismo, condição constitutiva do sentido no discurso, estará sempre em função da atitude responsiva ativa desse *outro*.

Nesses termos, o "eu" (enunciador) realiza-se no "nós" bakhtiniano (coletivo), entendido como o espaço onde a *comunicação é negociada* em uma multiplicidade de interações significativas que conferem plenitude concreta e viva à língua. O "nós" somente ganha força, verdade, legitimidade através do diálogo com este espaço real, social, ideológico,

contextual, coletivo que representa/reapresenta diferentes significações à medida que é (re)enunciado. A natureza dialógica da linguagem, conceito central no pensamento bakhtiniano, por ser vivo, *ainda está em aberto!*

Ao propor o *primado do diálogo* sobre o monólogo, Bakhtin (1997) constata essa incapacidade do sistema lingüístico descritivo, lógico e auto-excludente de contemplar a *verdadeira natureza da enunciação*. O foco da enunciação, isolado, abstrato e reprodutível transfere-se para o outro, para o lado das formas vivas, mutáveis, particularíssimas e, sobretudo, adaptáveis, de cada enunciação. Sob a ótica do dialogismo, a própria *noção de texto* adquire contornos diferenciados, sendo percebido de uma forma bem mais ampla: mosaico multicolorido composto por uma infinidade de peças em movimento, cujo "destino" interpretativo se constitui em um campo de estudos ainda em formação.

Extrapolando seu local de "origem", *enunciar*, para Bakhtin, é colocar a *vida em movimento*, tornando-a comum. *Comum*, por sua vez, adquire os contornos do "comunicar"; de tornar comunicativa toda a vida; por ela mesma! Bakhtin (1998) vê "tudo em constante comunicação - a comunicação como fundamento de toda a cultura e, mais ainda, da própria vida" (Clark; Holquist, 1998, p. 12). Transformada em situação comunicacional, a vida dialógica das enunciações estará dependente e interligada ao contexto social da qual emerge e para a qual acabará confluindo. A enunciação em Bakhtin é a unidade fundamental não mais do estudo da língua (sistema), mas da comunicação (processo) como um todo, que se dá no e pelo social, manifestando-se *com* a linguagem, *através* dos sistemas de signos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O freudismo**: um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Problemas da poética em évski**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1997.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARRACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. _____. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1995. V. 2.

CASTRO, Gilberto. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

CLARK, Katherina; HOLQUIST, Michel. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

RONCARI, Luiz. Dialogismo, polifonia, intertextualidade em tomo de Bakhtin. In: PESSOA DE BARROS, Diana Luz; FIORIN, José Luiz. (Orgs). *Revista Ensaios de Cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994, n. 07. Prefácio.

TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

YAGELLO, Marina. Bakhtin, o homem e seu duplo. In: BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.